



A Igreja Católica e a ecologia ambiental: Um panorama¹

The Catholic Church and environmental ecology: An overview

**Marcio Bogaz Trevizan*

***Josemar de Campos Maciel*

Resumo

O texto aborda os principais pronunciamentos da Igreja Católica sobre a Ecologia Ambiental. Partindo de uma abordagem bibliográfica, perpassa as principais contribuições dos pontificados de Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Também discorre sobre os documentos oficiais das Assembleias Gerais do Episcopado Latino-Americano que trataram da relação entre catolicismo e ecologia. Nossas pesquisas dão conta que a partir do Concílio Vaticano II a Igreja aprofundou sua percepção a respeito da realidade temporal e, ao lado de diversas iniciativas laicas, tornou-se a grande promotora da reflexão teológica sobre a ecologia ambiental. O ápice desse processo se deu no pontificado de Francisco com a promulgação da Encíclica *Laudato Si* e a Exortação Apostólica *Laudate Deum* que consolidaram a posição católica, pensamento e ação, a respeito da ecologia ambiental.

Palavras-chaves: Ecologia; Catolicismo; Ambiente; Ecoteologia.

1. Este artigo é parte das exercitações da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), vinculada ao Programa de Doutorado em Desenvolvimento Local (PPG/DL).

*Doutor em Filosofia pela Universidad Católica Argentina (UCA). Contato: trevizan_marcio@gmail.com

**Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC). Professor na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Contato: maciel5033@yahoo.com.br



Texto enviado em

15.07.2025

Aprovado em

04.12.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111

Mai - Dez 2025



Programa de Estudos

Pós Graduados em
Teologia - PUC/SP

Abstract

The text discusses the main pronouncements of the Catholic Church on Environmental Ecology. Starting from a bibliographical approach, it goes through the main contributions of the pontificates of Paul VI, John Paul II, Benedict XVI and Francis. It also discusses the official documents of the General Assemblies of the Latin American Bishops that dealt with the relationship between Catholicism and ecology. Our research shows that since the Second Vatican Council, the Church has deepened its perception of temporal reality and, alongside various secular initiatives, has become a major promoter of theological reflection on environmental ecology. The culmination of this process came during the pontificate of Francis with the promulgation of the Encyclical *Laudato Si'* and the Apostolic Exhortation *Laudate Deum*, which consolidated the Catholic position, thought and action on environmental ecology.

Keywords: Ecology; Catholicism; Environment; Ecotheology.

Introdução

Desde os primórdios os cristãos se posicionaram em relação às situações sociais de sua época e o fizeram em atitude de fé. No século XX, partindo da Constituição Apostólica *Gaudium et Spes* (1964), promulgada durante o Concílio Vaticano II, a Igreja adquiriu uma renovada percepção a respeito das realidades temporais. Ao considerar as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens (*Gaudium et Spes*, n.1), como parte de sua vida eclesial, o catolicismo aprofundou seu comprometimento com as realidades da temporalidade. Ademais, considerando que não há realidade verdadeiramente humana que não encontre eco no coração dos discípulos de Cristo (*Gaudium et Spes*, n.1), garantiu espaço para que temas não explorados naquele período, fossem tomados no tempo oportuno, como uma demanda legítima da vida eclesial. Esse é o caso da reflexão sobre a Ecologia Ambiental, que foi incorporado como um tema importante à reflexão ético-teológica² a partir da

2. Sobre a reflexão ético-teológica a respeito da ecologia ambiental, esta multiplicou-se em diversos setores do cristianismo. Dentre os diversos autores e produções, destacamos: Lynn White Jr. (1907–1987), *The Historical Roots of Our Ecologic Crisis* (1967); Revista Parroquial de la Iglesia Evangelica del Rio de La (1977); Jürgen Moltmann (1926-2024), Deus na Criação (1985) Leonardo Boff, Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres (1995), Saber Cuidar (1999), O Cuidado Necessário (2013); Thomas Berry (1914–2009), *The Dream of the Earth* (1988); Sallie McFague (1933–2019), *Models of God: Theology for an Ecological, Nuclear Age* (1987), dentre outros.

década de 1970 e encontrou eco na reflexão dos Papas³ e de diversas conferências episcopais no pós-Concílio, até ser considerada como uma dimensão fundamental do ser católico no século XXI. A partir dessa moldura, o texto expõe os principais pronunciamentos dos Papas e das Conferências do Episcopado Latino Americano sobre a Ecologia Ambiental⁴.

No item “A Igreja e a Ecologia: a preocupação ambiental de Paulo VI” abordamos as primeiras manifestações do Papa sobre a problemática ambiental na década de 1970, abrindo novos caminhos para a Doutrina Social da Igreja. Na sequência, apresentamos “A preocupação ambiental em João Paulo II”. Neste item, indicamos algumas das manifestações do pontífice que ampliaram o posicionamento católico sobre a ecologia ambiental e o consolidou como uma ‘questão’ que compõe a vida da Igreja. No item “A questão ambiental no Pontificado de Bento XVI”, sinalizamos que a ecologia ambiental foi tomada como um problema que verdadeiramente toca a vida de cada católico. Ademais, preparou o cenário para a consolidação do ensinamento pontifício sobre a ‘Ecologia Ambiental’ em Francisco.

Voltando o olhar para a América Latina, abordamos a “A Ecologia ambiental nas Conferências do Episcopado Latino-Americano (CELAM)”. Ao longo de cada Conferência ficou claro o crescimento da consciência episcopal a respeito do mencionado problema. O destaque recai sobre a Conferência de Aparecida que foi o *locus* no qual o Cardeal Jorge Mário Bergoglio foi provocado a ampliar sua visão sobre o tema. No último item, “Francisco e a Ecologia Ambiental: a consolidação de um percurso magisterial” apresentamos como se deu a ‘conversão ecológica’ de Francisco a partir da Conferência de

3. Dado o volume de informação gerada durante os pontificados de Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco, fizemos a opção por sinalizar apenas alguns textos que abordam explicitamente a ‘ecologia ambiental’.

4. Na década de 1970 a referência aos ‘problemas ecológicos’ significava alusão aos problemas ambientais. Contudo, depois da publicação da Encíclica Laudato Si (2015), o cristianismo católico passou a entender o termo ‘ecológico’ de uma maneira ampla e propôs a noção de ‘Ecologia Integral’ que abarca as quatro ecologias: ecologia ambiental, que diz respeito a análise do ecossistema natural; ecologia econômica, que cuida da análise do sistema de produção e distribuição; a ecologia sociocultural, que regula as relações humanas baseadas nos princípios de subsidiariedade e solidariedade; ecologia humana, que tem como centro a dignidade humana. (GRUPO DE TRABAJO INTERDICASTERIAL DE LA SANTA SEDE SOBRE LA ECOLOGÍA INTEGRAL, 2020, p. 10). No presente trabalho, quando utilizamos o termo ‘Ecologia Ambiental’ referimo-nos diretamente aos posicionamentos que os Papas adotaram a respeito dos problemas ambientais e sobre o ecossistema natural.

Aparecida e destacamos alguns dos seus feitos que consolidaram uma ‘exposição magisterial’⁵ sobre a ecologia ambiental.

1. A Igreja e a Ecologia: a preocupação ambiental de Paulo VI

O Concílio Vaticano II não aborda a relação homem e natureza, pois tais questões ainda não eram discutidas de forma ampla pela sociedade da época. Contudo, ao tratar da destinação dos bens da terra, a Constituição *Gaudium et Spes* no n. 69 recorda aos católicos e aos homens de boa fé, a destinação universal dos bens da criação. Neste parágrafo, a Igreja recupera elementos de Doutrina Social amplamente discutidos em documentos como as Encíclicas *Rerum Novarum* (1891), *Quadragesimo Anno* (1931) e *Mater et Magistra* (1961). Ao mencionar que “Deus destinou e criou a terra com tudo o que ela contém para o uso de todos os homens e povos” (GS n. 69) o Concílio como que anteviu que nos anos vindouros a Igreja deveria se debruçar sobre o ‘cuidado do criado’ para então conseguir falar do ‘cuidado do homem’.

Seguindo esta perspectiva da doutrina social, foi na década de 1970 que o Vaticano começou a mostrar, oficialmente, maior preocupação com as questões ambientais. Até então as intervenções que tangenciavam a Criação, eram propostas em perspectiva bíblico-teológica, com nuances sociais, e a ênfase recaia na ideia do domínio do homem sobre o criado. Assim o era, pois a teologia católica parte da perspectiva de que o homem é o cuidador, o aperfeiçoador da criação (Gn, 1, 28)⁶, dado que é um ser intrinsecamente superior a todos os demais seres criados. Quanto a considerar a criação em

5. No que diz respeito aos pronunciamentos dos Papas sobre a Doutrina Social da Igreja, é importante ressaltar que não há consenso dos teólogos a respeito de quais posições podem ser consideradas como ‘magisteriais’ no sentido de ‘ensinamento seguro e certo’ e ‘matéria opinável’. Quanto a esta última, refere-se as opiniões dos pontífices, a partir de sua sensibilidade pastoral, que são veiculadas com ênfase, mas que podem consistir em posicionamentos temporais, a favor de opiniões sociais ou teológicas que não constituem elemento de fé católica vinculante (Cf. BELLOCQ, A. Qué es y qué no es la Doctrina Social de la Iglesia: una propuesta. Scripta Theologica, v. 44, n. 2, p. 337-366, 1 ago. 2012). Neste texto, não entramos nessas discussões e por ‘Magistério’ consideraremos tudo o que os Papas abordaram sobre o tema ‘Ecologia Ambiental’, sem entrar no mérito das afirmações.

6. De acordo com Lynn White Jr. (1907-1987) no artigo *The Historical Roots of Our Ecologic Crisis* (1967), o ‘domínio’ do homem sobre o criado não é absoluto, mas foi absolutizado pelos ocidentais ao longo dos séculos, tornando-se a ‘fonte da desculpa’ para a exploração excessiva dos recursos naturais.

si mesma, evitava-se fazê-lo por receio de contaminar a fé com perspectivas panteístas.⁷

A preocupação eclesial com as questões ecológicas em si mesmas, isto é, com a relação entre homem e ambiente natural, parece emergir oficialmente a partir do discurso proferido por Paulo VI (1963-1978) na sede da *Food and Agriculture Organization* (FAO) em Roma em 22 de novembro de 1970. Em sua exposição, mencionou a necessidade da utilização racional dos recursos físicos básicos, bem como a exploração melhor concebida da terra, água, florestas e oceanos (PAULO VI, 1970). Dado o caráter do enfoque proposto pelo Papa, cabe ressaltar que se trata da primeira vez que uma mensagem pontifícia abordou os problemas ambientais em si mesmos e mencionou a terra, a água, as florestas e os oceanos como ‘sujeitos de cuidado’. Apesar de considerá-los em uma perspectiva antropocêntrica, a mensagem marcou o início de um processo que conduziu a Igreja a um itinerário de ‘conversão ecológica’ que encontrará uma ‘exposição magisterial’ consolidada na Encíclica *Laudato Sí* (2015) e na Exortação Apostólica *Laudato Deum* (2023).

7. Essa realidade ficou evidente na postura que a Sagrada Congregação do Santo Ofício teve diante das obras do jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955). Na Europa, na década de 1950, os textos do teólogo e filósofo Pierre Teilhard de Chardin estavam em plena circulação. Ao abordar a relação entre fé cristã e a criação de um ponto de vista inovador, Chardin abriu caminhos para o crescimento de uma teologia que entende o Criador em profunda sintonia com a criação e habitando o âmago desta, contudo, nunca confundido com ela. Dado o sucesso de seus textos, em 30 de junho de 1962, a Sagrada Congregação do Santo Ofício emitiu um decreto que afirmava: “algumas obras do padre Teilhard de Chardin, inclusive póstumas, estão sendo difundidos, e estão obtendo um razoável sucesso. Seja qual for o juízo sobre o que se refere às ciências positivas, resulta bastante claro que essas obras estão cheias de ambiguidade, e até mesmo de graves erros em matéria filosóficas e teológicas, tais a ofender a doutrina católica. Por esse motivo, os Eminentíssimos Reverendíssimos Padres da Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício exortam todas as autoridades eclesiásticas a proteger eficazmente os espíritos, principalmente dos estudantes, dos perigos inerentes às obras do Padre Teilhard de Chardin e dos seus seguidores” (Sagrada Congregação do Santo Ofício, Apud. O'CONNELL, 2017). Apesar de não retirar as restrições aos textos de Chardin, suas contribuições foram apreciadas de forma tímida por Paulo VI (Discurso numa fábrica químico-farmacêutica em 24 de fevereiro de 1966), João Paulo II (Carta ao reverendíssimo Padre George Coyne em 1 de junho de 1988), Bento XVI (homilia na Celebração das Vésperas em Aosta, em 24 de junho de 2009) e Francisco (Encíclica Laudato Sí, parágrafo 83, nota de rodapé 18). Sobre ‘Panteísmo’ ver: Papa Pio IX. *Syllabus errorum*, art. I. In. Apêndice da encíclica *Quanta cura*. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembbris-1864.html>>. Acesso em: 08 fev. 2025. De forma resumida, podemos propor a diferença entre Cristianismo e Panteísmo, nos seguintes termos: para o catolicismo, o mundo é obra de Deus que o criou a partir do nada (*ex nihilo*), por um ato livre e amoroso. Pela sua própria natureza, Deus não se confunde com o mundo criado; este é objeto de sua divina providência, mas não parte de Deus. Isso significa que há uma diferença clara entre o Criador e a o mundo criado (a criatura). Para a visão Panteísta, Deus e o mundo se equivalem. Não há distinção entre o ‘criador e a criação’, por isso, a natureza, o universo e tudo o que existe é Deus ou uma manifestação direta de Deus.

Em 14 de maio de 1971, Paulo VI retomou a questão ambiental na Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*. No número 21, mencionou a consciência que brota no homem a respeito da exploração inconsiderada da natureza e denunciou os riscos que o próprio homem corre ao destruir o ambiente. Por isso, dado a envergadura do problema social (poluição, contaminação, lixo e novas doenças) destacou que a exploração da natureza é um assunto que diz respeito a inteira família humana (AO, n. 21). Como é possível observar, o pontífice foi gradativamente inserindo o catolicismo como uma voz em defesa da Ecologia Ambiental.

Em 1 de maio de 1972 em Mensagem enviada a Maurice Strong (1929-2015), Secretário da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente⁸, Paulo VI aprofundou sua percepção do problema ecológico. Na ocasião, o pontífice destacou as questões relacionadas à preservação do meio ambiente com uma preocupação própria da mentalidade contemporânea. Para ele, o homem e a natureza compartilham um futuro temporal comum. Sendo assim, aponta que a defesa do ambiente é um desafio que deve ser aceito de modo enérgico e “ir além dos objetivos parciais e imediatos para preparar um planeta hospitalero para as futuras gerações” (PAULO VI, 1972, p. 5). De alguma forma, o texto faz eco às preocupações ecológicas que tomavam forma por ocasião da preparação da Conferência de Estocolmo. Cabe ressaltar que a Mensagem foi enviada a menos de um mês da abertura do evento, realizado entre 5 a 16 de junho de 1972.

Em 24 de maio de 1976, em Mensagem à Conferência das Nações Unidas em Vancouver, Canadá, o Papa afirmou a necessidade de uma política do habitat humano para a promoção do desenvolvimento integral do homem. Destacou que

8. Realizada entre 5 e 16 de junho de 1972 na Suécia, a Conferência de Estocolmo, introduziu no cenário internacional as discussões ambientais e mudou a forma como o assunto era encarado pela comunidade global. Abordou o problema da poluição atmosférica, da poluição da água e do solo, o impacto do crescimento populacional sobre os recursos naturais, com vistas a implementar medidas que minimizassem a degradação ambiental. Como fruto dos debates e acordos firmados durante a Conferência, foi publicado a ‘Declaração das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente’. O documento propôs aos povos do mundo, critérios e princípios comuns para preservar e melhorar o meio ambiente humano.

a humanidade se encontra diante de uma difícil decisão: “deixar que se acumulem as calamidades que destroem o habitat humano ou preparar corajosamente um lugar digno e honrado para todos os homens” (PAULO VI, 1976). A ênfase do discurso não era objetivamente ambiental, dizia respeito a questão da moradia, contudo, toca de forma pontual o cuidado do ambiente para que o ser humano possa viver de forma digna. Esta perspectiva, no Magistério de Francisco, liga-se a ecologia humana.

Em 05 de junho 1977, em Mensagem à V Jornada Mundial do Meio Ambiente promovida pelas Nações Unidas, Paulo VI reconheceu que a preocupação por preservar o meio ambiente, bem como a ambição de estimular a cooperação mundial em favor do tema, reponde a imperativos caros aos homens do nosso tempo. Ademais, frisa que o ser humano e seu ambiente natural são inseparáveis, pois “o ambiente condiciona essencialmente a vida e o desenvolvimento do homem” (PAULO VI, 1977, p. 1). Recorda também vários outros assuntos: a interconexão que existe entre os diversos espaços do globo; os desequilíbrios provocados na biosfera mediante a exploração desordenada de recursos naturais não renováveis; a poluição, a contaminação do solo, da água, do ar, do ambiente e suas consequências à vida vegetal e animal. Para transformar a situação descrita, o Papa aponta para a necessidade de “uma mudança radical de mentalidade. Todos são chamados a atuar com lucidez e valentia” (PAULO VI, 1977, p. 1). Recorda aos participantes da Jornada que “governar a criação significa (...) não destruí-la, mas aperfeiçoá-la, não transformar o mundo em um caos inabitável, mas em uma morada bela e ordenada que respeita todas as coisas” (PAULO VI, 1977, p. 2).

Em seu pontificado Paulo VI, e o seu corpo diplomático⁹, lançou as bases do percurso ecológico ambiental que a Igreja aprofundaria nos anos seguintes. Partindo da perspectiva de que a Igreja se sente real e intimamente ligada ao gênero humano, e à sua história (*Gaudium et Spes, n.1*), ancorou seus posicionamentos nos dados científicos da época. Caber ressaltar que o Pontificado (1963-1978) de Paulo VI se desenvolveu no período em que grandes eventos ambientais marcaram a construção de uma agenda internacional que impactaria a maneira como o homem contemporâneo vê a sua relação com o ambiente. Sendo assim, a vinculação entre Igreja e Ecologia em Paulo VI e nos pontificados posteriores, apresenta-se como uma realidade própria do nosso tempo. É o olhar da Igreja sobre a realidade temporal e sobre toda a criação.

2.1. A preocupação ambiental em João Paulo II

Após Paulo VI, foi João Paulo II que abordou as questões ecológicas¹⁰ com maior afinco. Durante os anos de seu pontificado (1979-2005) a ‘consciência ambiental’ ganhou espaço em amplos setores da sociedade civil e levou a Igreja a debruçar-se sobre a questão. Em meio a diversas concepções¹¹ a respeito do homem e da natureza no mundo secular, a Igreja abordou a ‘ecologia ambiental’ tendo como base o conceito de ‘criação’. Este dogma judeu-cristão, coloca o ser

9. Também na década de 1970, cabe ressaltar algumas intervenções institucionais, a saber: a) a Contribuição da Santa Sé para a preparação da Conferência-exposição de Vancouver (1976), ‘O habitat humano’ (L’OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, 14 de março de 1976, p. 6-8); b) a Intervenção do Delegado (1976) da Santa Sé para a mesma Conferência (L’OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, 13 de maio de 1976, p. 9-10); d) a Intervenção do Núncio Apostólico da Delegação da Santa Sé a III Conferência Europeia dos Ministros responsáveis pelo ordenamento do território (Bari-Itália), ‘Uma política do habitat humano em função do homem e da terra’ (L’OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, 22 de novembro de 1976, p. 10); e) Intervenção da Delegação da Santa Sé a XVIII Conferência da Agência Internacional para a Energia Atômica (AIEA), intitulada ‘Orientar o uso da energia atômica para o progresso da humanidade’ (L’OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, 9 de setembro de 1976, p. 14); d) Intervenção da delegação da Santa Sé à XXI Conferência da AIEA, ‘A proliferação nuclear, ameaça perene para a humanidade’, no Rio de Janeiro (L’OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano, 24 de outubro de 1976, p. 11).

10. O curto pontificado de João Paulo I, que durou apenas 33 dias (3 de setembro de 1978 à 28 de setembro de 1978), não ofereceu ocasiões para que esta temática fosse considerada em mensagens ou textos pontifícios.

11. A Abordagem católica não parte do ecocentrismo ou do biocentrismo; o Magistério olha com reservas tais perspectivas. Isso se dá porque a Igreja parte do princípio que há uma diferenciação ontológica entre o ser humano e os demais seres vivos. O Biocentrismo e o ecocentrismo, por sua vez, eliminam tal diferença e consideram a “biosfera como uma unidade biótica de valor indiferenciado. Chega-se assim a eliminar a superior responsabilidade do homem, em favor de uma consideração igualitária da ‘dignidade’ de todos os seres vivos” (JOÃO PAULO II, 1997; COMPÊNDIO, 2004, n. 463).

humano como o ápice da ação criadora de Deus e como o administrador dos bens terrenos. Partindo desta perspectiva, toda a doutrina de moral social a respeito do relacionamento ‘ser humano e ambiente’ foi delineada e dela nasceu a noção de ‘ecologia humana’. Este conceito polissêmico, intuído no pontificado de João Paulo II, tem como centralidade a dignidade humana e adota um olhar integral e integrador (LS 141). É a partir desta perspectiva que o magistério de João Paulo II desenvolveu gradativamente uma reflexão teológica que considerou a problemática ambiental no contexto da fé católica.

De modo concreto, o primeiro aceno do Papa à questão ecológica se deu mediante a publicação da *Bula Inter Sanctos*¹² em 29 de novembro de 1979, com o qual São Francisco de Assis foi proclamado padroeiro da Ecologia. Nos anos posteriores, o Papa referiu-se a questão de forma esporádica. Um exemplo é a Mensagem para o dia Mundial da Paz de 1985, destinada aos jovens. Nela o pontífice menciona a sensibilidade juvenil¹³ quanto a proteção ambiental na década de 1980, contudo não aprofunda a questão.

O tema passou a ser tratado com maior afinco¹⁴ a partir da mensagem para a XXIII Jornada Mundial da Paz de 1990, intitulada “Paz com Deus criador, paz com toda a criação”. Ao dedicar a reflexão ao cuidado da criação, afirma claramente que o problema Ecológico é na sua gênese um problema moral. Contudo, é em 1991 na Encíclica *Centesimus Annus* (n. 38 e 39) que o Papa propõe a relação entre

12. A iniciativa partiu da *Planning environmental and ecological Institute for quality life*, e foi mediada pelo cardeal Silvio Oddi (1910-2001), Prefeito da Sagrada Congregação para o Clero.

13. “Causa-vos preocupação o meio ambiente já para os dias de hoje e para as futuras gerações” (JOÃO PAULO II, 1985, n.3).

14. A questão ambiental foi mencionada pelo Papa em 1992, na Mensagem destinada aos indígenas do Continente Americano, destacando que “o respeito devido ao meio ambiente há de ser sempre tutelado acima dos interesses exclusivamente econômicos ou da abusiva exploração dos recursos da terra e do mar” (JOÃO PAULO II, 1992). Também permeou a Mensagem por ocasião da Quaresma de 1993, 1996 e 1997. Também foi mencionada na Carta Apostólica *Tertio Millennium Adveniat*, publicada em 1994 em preparação para o Jubileu do ano 2000. Nela, João Paulo II afirma a necessidade de valorizar e aprofundar os sinais de esperança presentes no epílogo do século XX, entre os quais figura “no campo civil, (...) o sentido mais vivo de responsabilidade pelo ambiente” (TMA, n. 47). Neste período a Igreja ainda tratava das questões ambientais como uma realidade pertencente majoritariamente ao ‘campo civil’. Não havia a consciência desenvolvida de que também se tratava de uma temática concernente a vida de fé. Esta perspectiva estava em desenvolvimento.

‘ecologia ambiental’ e ‘ecologia humana’¹⁵, postulando que o critério cristão para olhar a preservação ambiental é o cuidado do ser humano. De acordo com João Paulo II, “além da destruição irracional do ambiente natural, é de recordar aqui outra ainda mais grave, qual é a do ambiente humano, a que se está ainda longe de prestar a necessária atenção” (CA, n. 38). E continua: “enquanto justamente nos preocupamos (...) em preservar o ‘habitat’ natural das diversas espécies animais ameaçadas de extinção, (...) empenhamo-nos demasiado pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana” (CA, n. 38). Aqui vê-se que João Paulo II considera a natureza em sua relação com o homem e não em si mesma, isenta de sua vinculação com a humanidade.

Na mesma direção, em 1995, aborda a problemática ambiental na Encíclica *Evangelium Vitae* (1995). No número 42 do referido documento, esclarece que a ‘questão ecológica’ diz respeito a responsabilidade específica que o homem detém sobre o ambiente de vida. Tal realidade abrange o presente e o futuro e abarca “desde a preservação do ‘habitat’ natural das diversas espécies animais e das várias formas de vida, até à ‘ecologia humana’ propriamente dita” (EV, n. 42).

Como é possível observar, a cada ano do Pontificado de João Paulo II percebe-se uma crescente preocupação com o problema ambiental. Abordada em diversas mensagens¹⁶ e pronunciamentos, a questão ecológica ambiental foi sempre tratada com perspectiva a iluminar a realidade do homem contemporâneo. Nunca é discutida como um fim em si mesmo, pois seu objetivo

15. Na Carta Encíclica *Centesimus Annus* João Paulo II comenta: “Além da destruição irracional do ambiente natural, é de recordar aqui outra ainda mais grave, qual é a do ambiente humano, a que se está ainda longe de prestar a necessária atenção. Enquanto justamente nos preocupamos (...) em preservar o «habitat» natural das diversas espécies animais ameaçadas de extinção, (...) empenhamo-nos demasiado pouco em salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana” (CA, n. 38).

16. Em 2001, faz referências as preocupações ecológicas na Mensagem para o dia Mundial da Paz, mas é na Mensagem para o dia Mundial do Turismo que a questão foi retomada seguindo a perspectiva da Mensagem de 1990 por ocasião do Dia Mundial da Paz. De acordo com o Papa, “a derrocada ambiental, (...) mostra com evidência algumas das consequências das opções feitas segundo interesses particulares, que não correspondem às exigências próprias da dignidade do homem” (JOÃO PAULO II, 2001, n. 2). Por essa razão, “quando nos afastamos dos projetos de Deus sobre a criação, muitas vezes dá-se menos atenção aos irmãos e ao respeito pela natureza” (JOÃO PAULO II, 2001, n. 2). Na ocasião faz a diferenciação entre ‘ecologia interior’ e ‘ecologia exterior’. Pontuando que na medida que se “recuperar a dimensão espiritual da relação com a criação” (Ecologia interior), se favorece a luta contra a pobreza e a fome dos necessitados (Ecologia exterior) e favorece “a saúde e o bem-estar pessoal” (JOÃO PAULO II, 2001, n. 2).

é salvaguardar o justo equilíbrio entre o cuidado dos ecossistemas naturais e o cuidado para com o ser humano.

Em 1999, como que desejando um passo decisivo no processo de aprofundar definitivamente a relação entre ‘catolicismo e ambiente’, João Paulo II confiou ao Pontifício Conselho¹⁷ a tarefa de considerar a crise ambiental à luz de princípios fundamentais já amadurecidos na Doutrina Social da Igreja.¹⁸ O resultado dos trabalhos foi publicado em 2004 no Compendio de Doutrina Social da Igreja. O Capítulo X (n.451-487) do Compêndio que trata do ‘Salvaguardar o Ambiente’¹⁹, foi formulado com base no Magistério pós Conciliar e de modo particular a partir do desenvolvimento da temática no Pontificado de João Paulo II. Como fruto maduro da relação ‘cristianismo e sociedade’, o texto é um prelúdio daquilo que Bento XVI abordou em seu pontificado e aponta para o cenário no qual Francisco desenvolverá a Encíclica *Laudato Si*.

2.2. A questão ambiental no Pontificado de Bento XVI

O Pontificado de Bento XVI, no que tange a Ecologia ambiental, continuou o caminho trilhado por seus predecessores. Em concreto, aprofundou a perspectiva católica quanto a sua responsabilidade ecológica propondo-a como uma questão premente e abriu horizontes para que a Igreja se debruçasse com mais afinco sobre a problemática. Em seus oito anos de Pontificado, por diversas vezes

17. Em Mensagem dirigida à Assembleia Plenária do Pontifício Conselho Justiça e Paz, afirma: “Tomareis em consideração a atual crise ambiental à luz da doutrina social da Igreja. A problemática ambiental está estreitamente ligada com outras importantes questões sociais, porque o ambiente inclui quanto nos circunda e tudo aquilo de que depende a vida humana. Por isto, é importante uma correta abordagem do problema. A respeito disso, a reflexão sobre o fundamento bíblico da solicitude pela Criação pode esclarecer o dever de promover um ambiente sadio e saudável. O uso dos recursos da terra é outro aspecto importantíssimo da questão ambiental. A análise deste problema complexo toca o centro da organização da sociedade moderna. Refletindo sobre ambiente, à luz das Sagradas Escrituras e da doutrina social da Igreja, não podemos ignorar o problema do estilo de vida promovido pela sociedade moderna, e sobretudo a questão relacionada com a desigual distribuição dos benefícios do progresso” (JOÃO PAULO II, 1999).

18. O pedido deve ser compreendido no âmbito da elaboração do “compêndio de doutrina social da Igreja”, feito ao Pontifício Conselho Justiça e Paz no ano de 1998 e publicado em 2004.

19. Das 68 notas de rodapé inseridas no texto, 8 são dos documentos do Concílio Vaticano II, 2 do Magistério de Paulo VI, 1 do Pontifício Conselho Justiça e paz e 57 de João Paulo II. A quantidade de citações deste Papa, expressa justamente sua capacidade de debruçar-se sobre o tema, mas também expressa a longevidade de um pontificado (vinte e seis anos) que foi obrigado a lidar com as demandas da contemporaneidade.

mencionou em discursos, homilias, mensagens e em outras oportunidades a questão da ecologia ambiental.

Quem lê os diversos textos de Bento XVI, percebe que houve um comprometimento²⁰ de sua parte em falar firmemente a favor de uma perspectiva ambiental que permitisse o correto uso dos recursos naturais e que preservasse o direito dos pobres de acessá-los. Sua forma de abordar a questão, refuta os argumentos que são contrários a visão católica de mundo e alerta para a necessidade de construir um reto julgamento sobre a situação real do ambiente natural. Alerta ainda para a importância de se evitar julgamentos apressados e ideológicos (BENTO XVI, 2008).

Em 8 de janeiro 2007, em Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé, Bento XVI abordou o ‘escândalo da fome’. Ao propor um olhar sobre a situação internacional, afirmou que tal flagelo aponta para a necessidade de mudança de estilo de vida. De modo concreto, destacou a necessidade de corrigir os modelos de crescimento que são incapazes de garantir “o respeito do meio ambiente e um desenvolvimento humano integral para o presente e sobretudo para o futuro” (BENTO XVI, 2007a). Interessa notar, que ao criticar o modelo de desenvolvimento vigente, chama a atenção dos diplomatas sobre a responsabilidade das nações em garantir um futuro ambiental seguro para as próximas gerações.

Ainda em 2007 na Exortação *Apostólica Sacramentum Caritatis*, Bento XVI abordou o problema ambiental recordando que as condições ecológicas da criação em muitas partes do mundo suscitam justas preocupações (*Sacramentum Caritatis*, n. 92). Ao falar da ‘Santificação do Mundo e a defesa da Criação’,

20. Seu empenho lhe rendeu o título de Papa Verde em diversos jornais ao redor do mundo. Em 16 de abril de 2008, o jornalista Daniel Stone escreveu um artigo intitulado Benedict XVI, the Green Pope. Nele destacava que Bento XVI foi o primeiro governante do mundo a tornar um estado soberano livre de emissão carbono. O fato se deu mediante o recebimento de uma doação da empresa americana Planktos Inc. e da companhia húngara Klimafa. O acordo previa o reflorestamento de parte do território do Parque Nacional Bukk, na Hungria, sendo denominada de ‘Floresta Climática Vaticana’. O número de árvores plantadas foi realizado de acordo com a quantidade de gases poluentes emitidos pelo Vaticano em 2007. Neste mesmo ano, Bento XVI também autorizou o projeto para implantar painéis solares no teto da Sala Paulo VI e assim abriu caminhos para tornar o Vaticano autossuficiente na produção de energia limpa. STONE, Daniel. Benedict XVI, the Green Pope. Disponível em: <<https://www.newsweek.com/benedict-xvi-green-pope-86391>>. Acesso em: 12 mar. 2025

relacionou ‘eucaristia e ecologia’. Para o pontífice, por meio da oferta do pão e do vinho pelas mãos do presbítero, a liturgia lembra aos fiéis a importância da criação de Deus. Ademais, destacou que “o rito, além de envolver na oferta a Deus toda a atividade e canseira humana, impele-nos a considerar a terra como criação de Deus, que produz quanto precisamos para o nosso sustento” (*Sacramentum Caritatis*, n. 92). Em outras palavras, o Papa está lembrando aos católicos que a matéria com a qual é confeccionada a eucaristia, é proveniente de uma realidade natural, da criação, e que carrega em si implicações ambientais. Por isso, destacada que “não se trata duma realidade neutral, nem de mera matéria a ser utilizada indiferentemente segundo o instinto humano; mas coloca-se dentro do desígnio amoroso de Deus” (*Sacramentum Caritatis*, n. 92).

Na Encíclica *Caritas in Veritate* (2009), destacou que os compromissos e as responsabilidades que a Igreja assume são derivados da caridade que é a “via mestra da doutrina social da Igreja” (CV, n. 2). Dessa caridade é que deriva o empenho da Igreja pela Ecologia humana e Ambiental. Neste contexto, o tema da Natureza é abordado com o intuito de esclarecer o sentido católico do termo. Para a Igreja a ‘Natureza’ não pode ser interpretada a partir de uma visão ‘panteísta’ e nem de uma perspectiva ‘tecnicista’. Ambas as visões falsificam a verdadeira realidade de quem é o homem na sua relação com o ambiente. Segundo Bento XVI, “na natureza, o crente reconhece o resultado (...) da intervenção criadora de Deus, de que o homem se pode responsável servir para satisfazer as suas legítimas exigências, materiais e imateriais” (CV, n. 48). Acrescenta que o ‘servir-se da natureza’, deve dar-se “no respeito dos equilíbrios intrínsecos da própria criação (CV, n. 48). Quanto ao uso correto do ambiente, assinala que constitui “uma responsabilidade que temos para com os pobres, as gerações futuras e a humanidade inteira” (CV, n. 48). Esta ‘responsabilidade’, prevê que o desenvolvimento das sociedades deve levar em consideração o cuidado para com a criação e a justa distribuição dos recursos obtidos. Em outras palavras, requer um desenvolvimento que beneficie a todos, de modo particular os mais pobres.

Em 2011, em continuidade com os escritos e pronunciamentos anteriores, Bento XVI em visita ao Parlamento Federal de Berlin - Alemanha, recordou

o despertar da juventude em prol da proteção da ecologia ambiental. Falando aos parlamentares, declarou que “a importância da ecologia (...) é indiscutível” (BENTO XVI, 2011). Segundo as diretrizes que estabeleceu na *Caritas in Veritate* assinalou a necessidade de pensar uma ‘ecologia do homem’ e não apenas uma ‘ecologia do ambiente’. Para ele, o homem possui uma natureza que deve ser respeitada e não manipulada ao bel prazer (BENTO XVI, 2011). Assim, não apenas o ‘ambiente’ merece respeito, mas o próprio homem deve ser respeitado pelo homem. Interessa notar que a constante referência de Bento XVI a ‘ecologia humana’ faz oposição a ideia difundida por alguns ecologistas que postulam o homem como o problema do mundo. Para estes, se a humanidade desaparecesse seria melhor para o planeta. É bem verdade que o problema não pode ser analisado de forma dual e simplista, como se tudo fosse em prol do homem ou tudo contra o humano. Na visão católica a ‘justa medida’ na relação homem e ambiente, parece estar no usufruir de modo cuidado, caridoso e reverente. O nutrir-se do planeta deve dar-se de modo frugal, permanecendo em harmonia com o entorno e não mediante um processo de predação visceral.

Dentre os diversos escritos de Bento XVI, merece especial atenção as Mensagens por ocasião do dia Mundial da Paz, que fizeram referência direta ou circunstancial ao cuidado para com o meio ambiente. Em todas elas (2007, 2008, 2009²¹, 2010 e 2013²²), o foco recaiu no cuidado do ser humano e a problemática ambiental foi abordada a partir deste olhar.

Para Bento XVI ao lado da ‘ecologia da natureza’, existe uma ‘ecologia humana’, que requer uma ecologia social. Essa ideia já discutida na Encíclica *Caritas in Veritate*, está na base da sua abordagem para com a questão ambiental. Para ele, a consciência da ligação entre ambas é condição para a manutenção da Paz no mundo, pois, “toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana, e vice-versa” (BENTO XVI, 2007). Como era de

21. A Mensagem para o dia Mundial da Paz de 2009, teve como título ‘Combater a pobreza, construir a Paz’. Nela Bento XVI apresentou a relação entre ‘ecologia humana e pobreza’ e antecipou o tema que seria desenvolvido na Encíclica Caritas in Veritate, a ser publicada em 29 de junho daquele ano (BENTO XVI, 2009, n. 5).

22. Na Mensagem pelo dia Mundial da Paz de 2013 intitulada ‘Bem-aventurados os obreiros da Paz’ o tema da Ecologia foi retomado na perspectiva da Ecologia humana e da sua relação com a Ecologia Ambiental. A proposição apresentada foi a defesa da vida dos mais frágeis, dentre os quais elencou a vida do nascituro (BENTO XVI, 2013, n. 4).

se esperar, para o Papa o homem está no centro do cuidado com a natureza, e somente na medida em que se reconhece isso, o cuidado com a criação ganha sentido para o cristão católico.

Seguindo sua abordagem, quanto ao lugar do homem na Natureza, na Mensagem para o dia Mundial da Paz de 2008 ‘Família humana, comunidade de Paz’, Bento XVI propôs que a grande casa da família humana é o planeta terra. Este é o lugar que Deus deu “para que o habitássemos com criatividade e responsabilidade” (BENTO XVI, 2008, n. 7). Por isso, é preciso dele cuidar com responsabilidade e considerar que “o ser humano tem um primado de valor sobre toda a criação” BENTO XVI, 2008, n. 7). Sendo assim, respeitar o ambiente não significa considerar a natureza animal ou material acima do homem. Respeitar o ambiente significa considerar que a natureza não pode ser utilizada de forma egoísta e completamente a disposição dos próprios interesses. É preciso entender que há uma responsabilidade das gerações atuais para com as próximas gerações. Assim o é, “porque as gerações futuras também têm o direito de beneficiar da criação, exprimindo nela a mesma liberdade responsável que reivindicamos para nós” (BENTO XVI, 2008). Ao retomar a ideia de ‘direito das gerações futuras’, já mencionado na *Caritas in Veritate* (n. 48 e 50), Bento XVI reforça a ideia de ‘justiça ambiental’, introduzida em seu Magistério. Essa consciência, em favor das futuras gerações, é gerada na medida em que a ‘família humana’, comprehende que a terra é a casa que nos acolhe, e passa a “sentir a terra como nossa casa comum” (BENTO XVI, 2008).

Um destaque especial merece a Mensagem para a Jornada Mundial da Paz de 2010. Intitulada ‘Se quiseres cultivar a paz, preserva a criação’, Bento XVI aponta de forma clara que a questão ambiental também é responsabilidade da Igreja, é um ato moral. Ela, ‘perita em humanidade’, “tem a sua parte de responsabilidade pela criação e sente que a deve exercer também em âmbito público, para defender a terra, a água e o ar (...) e antes de tudo para proteger o homem contra o perigo da destruição de si mesmo” (BENTO XVI, 2010, n. 11). Esta afirmação de Bento XVI coloca fim nos infinitos questionamentos daqueles que criticam a Igreja quando esta se coloca a refletir sobre a problemática

ecológica. Para Bento XVI é responsabilidade católica²³ cuidar do ambiente e educar para sua proteção. Ademais, pontua a responsabilidade dos católicos no processo de ‘educar para a preservação ambiental’. Em linhas gerais, chamou a atenção para a necessidade dos cristãos despertarem para a responsabilidade ambiental e elencou o vasto cenário global que ameaça a todos indistintamente. Em poucas palavras, podemos afirmar que na Mensagem para o dia Mundial da Paz de 2010, Bento XVI propôs os aspectos fundamentais daquilo que Francisco desenvolveria na *Laudato Si*²⁴, cinco anos depois. Evidentemente, o olhar de Francisco aprofundou a abordagem católica e traçou caminhos que trouxeram maior clareza ao posicionamento católico.

3. A Ecologia ambiental nas Conferências do Episcopado Latino-Americano (CELAM)

No contexto latino-americano, a adesão eclesial a pauta ecológica foi crescendo de forma gradativa. Nas duas primeiras Conferências do Episcopado Latino Americano, a do Rio de Janeiro²⁵ e a de Medellin²⁶, o tema ecologia não

23. O Catolicismo exige uma postura ativa frente os problemas que afetam a ‘família humana’. É uma questão de caridade, olhar por quem sofre. Assim se expressou o Pontífice. “Pode-se (...) ficar indiferente perante as problemáticas (...) como as alterações climáticas, a desertificação, o deterioramento e a perda de produtividade de vastas áreas agrícolas, a poluição dos rios e dos lençóis de água, a perda da biodiversidade, o aumento de calamidades naturais, o desflorestamento das áreas equatoriais e tropicais? Como descurar o fenômeno crescente dos chamados prôfugos ambientais? Com não reagir perante os conflitos, já em ato ou potenciais, relacionados com o acesso aos recursos naturais? (BENTO XVI, 2010, n. 4).

24. Nas primeiras páginas da Laudato Si (LS, n. 6) quando Francisco aponta as contribuições de seus predecessores para a ‘ecologia ambiental’, destaca o esforço de Bento XVI em fazer avançar a reflexão católica sobre o tema. O texto recolhe uma das primeiras falas do Papa no Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé em 8 de janeiro de 2007: “o meu predecessor, Bento XVI, renovou o convite a ‘eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente’” (LS, n. 6). Francisco destaca que Bento XVI “lembrou que o mundo não pode ser analisado concentrando-se apenas sobre um dos seus aspectos, porque ‘o livro da natureza é uno e indivisível’, incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família, as relações sociais. É que «a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana» (CI, n. 51)

25. A Primeira Conferência do Episcopado Latino Americano aconteceu na cidade de Rio de Janeiro, Brasil, no período de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. O tema foi ‘A evangelização como defesa da fé e das vocações e a preparação do clero’. Sua convocação se deu como resposta ao chamado de Pio XII, que mediante a Carta Ad Ecclesian Christi de 29 de junho de 1955, pedia ao episcopado para incrementar a ação evangelizadora da Igreja. Presidida pelo Cardeal Adeodato Giovanni Piazza (1884-1957), teve como um dos seus feitos a criação da Conferência Episcopal Latino Americana (CELAM).

26. A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, foi realizada na cidade de Medellín, Colômbia, entre os dias 24 de agosto e 06 de setembro de 1968. Teve como objetivo adaptar a ação da Igreja Latino-americana as disposições do Concílio Vaticano II.

foi mencionado. A questão não fazia parte do imaginário eclesial da época, apesar de já ser discutida em alguns âmbitos da sociedade civil.

Em Medellin, o que se observa é uma virada da Igreja para as questões sociais²⁷. Ao refletir sobre a situação do homem latino-americano, o CELAM lançou as bases para promover comunidades católicas voltadas para a mudança social²⁸, realidade esperada pelo Episcopado da época. Foi esse influxo inovador, que desencadeou as condições necessárias para criar o ambiente propício para o despertar da pauta ecológica nas comunidades católicas.

O que Medellin despertou, Puebla consolidou. Isto é, foi na 3^a Conferência Episcopal Latino-Americana, realizada em Puebla, México, de 27 de janeiro a 12 de fevereiro de 1979, que o problema ecológico emergiu como uma realidade a ser considerada pela Igreja. Sua abordagem se deu no âmbito das mudanças estruturais que o Episcopado propunha como necessárias para assegurar uma “situação de justiça para as maiorias” (DP, 2005, n. 134).

Para Puebla, o aumento da população e a concentração destas nas grandes cidades, a submissão da sociedade aos meios de comunicação, a vida social pautada pelos valores tecnocráticos, a consciência da limitação dos recursos do planeta e a necessidade de sua racionalização apontava para o desejo de libertação²⁹ integral (DP, 2005, n. 141). Essa libertação, aparece como o elemento central a partir do qual a Igreja analisará as realidades ao seu redor. No caso específico da proteção dos ambientes naturais, o documento é inovador no sentido de esclarecer aos católicos que a ‘questão ecológica’ é uma realidade que diz respeito diretamente a vida eclesial, pois tudo o que está no mundo deve ser contemplado à luz da ‘libertação’ trazida por Cristo.

27. Se a Conferência do Rio de Janeiro foi caracterizada por um olhar ad intra, isto é, a situação do clero e das vocações sacerdotais, a de Medellin propôs principalmente uma mirada ad extra, voltada para a relação da Igreja com a sociedade secular e em fase de secularização.

28. Isso fica evidente quando o documento pede para a Igreja “prestar uma atenção especial às minorias ativas (líderes sindicais e cooperativas) que (...) estão realizando um importante trabalho de conscientização e promoção humana” (DP, 2005, p. 35).

29. O significado do termo ‘libertação’ será amplamente discutido e interpretado pelos teólogos de diversas vertentes da Teologia Latino-americana. Para Gustavo Gutiérrez, “a libertação é um processo amplo que abrange as diversas dimensões do ser humano: a econômica, a social, a política e também a espiritual. É a superação de toda forma de servidão e alienação do homem, e a instauração de uma sociedade justa e fraterna” (GUTIÉRREZ 1971, p. 24).

O número 139 do Documento de Puebla, alerta para a deterioração da relação entre o homem e a natureza na América Latina, de modo particular para as consequências trágicas da contaminação do ambiente que gera “prejuízos para o homem e para o equilíbrio ecológico” (DP, 2005, n. 139). A advertência do parágrafo 139, parece ter como objetivo provocar nos cristãos o desejo de libertar a natureza do jugo e da predação humana. Neste contexto, imbuído pelo processo de ‘viver o evangelho de Cristo’ no continente” (DP, 2005, n. 2), Puebla menciona explicitamente a poluição ambiental, a exploração desregulada dos recursos naturais e o desequilíbrio ecológico. Essa postura, inovadora para a época, promoveu a Igreja como uma voz forte ao lado dos movimentos ambientalistas. Ambos, ao seu modo miravam deter os avanços da exploração indiscriminada.

O desejo de transformação proposto em Puebla é apelo evangélico e faz eco a perspectiva que o Episcopado adotou em Medellin: “a vontade de fazer com que o anúncio do Evangelho consiga desencadear (...) toda a sua força de fermento transformador” (DP, 2005, n. 142). Esse esforço, recorda o documento, deve tornar-se sobretudo obra de justiça e de libertação para quem mais precisa, de tal modo que a ‘comunhão e a participação’ existam no plano concreto das realidades temporais. Assim, “o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se vão realizando em um justo e fraternal domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia” (DP, 2005, n. 327).

Para o Episcopado Latino-Americano, uma evangelização libertadora que promova a convivência humana digna dos filhos de Deus, deve “tomar consciência dos efeitos devastadores de uma industrialização descontrolada e de uma urbanização que vai tomado proporções alarmantes” (DP, 2005, n. 496). Além disso, assinala que o “esgotamento dos recursos naturais e a contaminação do ambiente constituirão um problema dramático” (DP, 2005, n. 496). Ambas as afirmações, provocam o interlocutor católico e estimulam a uma

ação transformadora³⁰. Em outras palavras está implícito, nos posicionamentos de Puebla, que para um católico não é compatível professar a fé em Cristo e entregar a criação ao ímpeto devorador do egoísmo humano.

A relação entre Igreja e Ecologia foi abordada com maior ênfase na IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada na cidade de Santo Domingos, República Dominicana, entre os dias 12 a 28 de outubro de 1992³¹. Seguindo os passos das anteriores, mas com maior clareza a respeito do assunto, consolidou a perspectiva de que “o respeito devido ao meio ambiente deve ser sempre tutelado” (SD, n. 4). Este deve estar “acima de interesses exclusivamente econômicos ou da abusiva exploração de recursos em terras e mares” (SD, n. 4). Ao deixar claro que a Igreja Católica, se posicionava a favor da preservação ambiental e contra a exploração indevida dos recursos naturais, o Episcopado latino-americano explicitou a realidade teológica que está na fonte do ímpeto explorador do homem, o pecado original.

Na ‘profissão de fé’ proposta ao final da Conferência, os bispos afirmaram que o Pecado Original está na gênese do rompimento entre o homem e a natureza; na origem de todos os males individuais e coletivos. É dessa desordem no coração humano que nasce a cultura de morte, que a Igreja lamenta na América Latina, com destaque para a ‘degradação ambiental’ (SD, n. 23).

Não obstante a desordem ambiental provocada por cristãos, o Episcopado reconhece que a inculcação do Evangelho na América Latina gerou certas manifestações socioculturais, que se levantam em defesa do homem e do seu ambiente. “É o caso do movimento ecológico a favor do respeito devido

30. Como pode ser verificado no Documento de Puebla, já em 1968 a Igreja Católica latino-americana nutria, em um nível institucional, um posicionamento a respeito das demandas ambientais. É evidente que foi uma manifestação tímida, contudo, clara. Consideramos como ‘tímida’ pelo fato de não aprofundar a problemática em um tópico específico destinado a questão ambiental. Ademais as reivindicações a respeito do assunto estão dispersas pelo texto (n. 139, 327, 496), evidentemente colocadas por ‘convertidos a questão ecológica’ e que aproveitavam os espaços possíveis para introduzir o problema. Contudo, é preciso ficar claro que não se podia exigir do documento de Puebla uma manifestação voraz a respeito do tema, dado que a questão ainda não era um elemento predominante nos meios católicos. Era um problema periférico que começava a mostrar a dimensão trágica de sua existência.

31. Foi convocado por João Paulo II em 12 de novembro de 1990 no contexto da comemoração dos 500 anos de evangelização do Novo Mundo. O tema escolhido pelo Papa foi a ‘Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã’, e como lema ‘Jesus Cristo ontem, hoje e sempre’ (Hb 13,8).

à natureza e contra a exploração desordenada dos seus recursos, com a consequente deterioração da qualidade de vida” (SD, n. 23). Cabe ressaltar que tais iniciativas se desenvolveram à margem da Igreja e mesmo motivadas por cristãos, se consolidaram a parte da vida eclesial. Por essa razão, sem mencionar esta realidade, o documento assinala que tais iniciativas precisam ser “iluminadas pela luz da fé” a fim de “inspirar um sistema de gestão dos recursos mais justo e melhor coordenado a nível mundial” (SD, n. 23).

Buscando apropriar-se das pautas ambientais a fim de cristianizá-las, o Episcopado afirma que “a Igreja faz sua a preocupação pelo meio ambiente” (SD, n. 23). Ademais, convida os governos a protegerem este patrimônio, segundo os critérios do bem comum (SD, n. 23).

No tópico ‘Ecologia’, novidade introduzida no Documento da Assembleia de Santo Domingos, faz-se uma abordagem da temática a partir da teologia da criação³². Recordando a Conferência da ONU sobre a Ecologia, a RIO 92, a Conferência de Santo Domingos discute a questão do desenvolvimento sustentável e a tentativa de conjugar crescimento econômico com limites ecológicos. Recordando a situação das cidades, dos indígenas, camponeses e a devastação da Amazônia, os bispos questionam a quem o ‘desenvolvimento sustentável’ beneficiará e a quem ele interessa. Abordando a ecologia no sentido amplo, ‘ecologia humana’, destacam que tal desenvolvimento não pode privilegiar as minorias abastadas em detrimento das maiorias empobrecidas. Para

32. O número 171, ressalta que os “cristãos não olham o universo, somente como natureza considerada em si mesma, mas como criação e primeiro dom do amor do Senhor por nós” (SD, n. 171). Recorda esta realidade da fé judaico-cristã para afirmar que Deus é o Senhor e Criador; Dele é a terra e consequentemente o homem não pode usá-la como dono absoluto, mas como administrador. Segundo o Documento de Santo Domingo, na América Latina a terra é entendida a partir de duas mentalidades que divergem da fé cristã: a indígena, que a comprehende como ‘mãe terra’ e a ‘mercantilista’. A primeira entende que a terra “é vida, é lugar sagrado, centro integrador de vida da comunidade” (SD, n. 172). A segunda, “ considera a terra numa relação exclusiva com a exploração e o lucro, chegando até ao desalojamento e à expulsão de seus legítimos donos” (SD, n. 172). A mentalidade cristã, por sua vez, considera sempre a terra e os elementos da natureza antes de tudo como aliados e instrumentos de salvação do povo de Deus. Por meio da ressurreição de Cristo, a humanidade é ressituada na perspectiva de libertar toda a criação, que há de ser transformada em novo céu e nova terra (SD, n. 173). Diante desta perspectiva, a Igreja deve enfrentar os desafios pastorais de promover a “transformação da mentalidade sobre o valor da terra com base na cosmovisão cristã” (SD, n. 176).

tanto, o desenvolvimento sustentável deve ser subordinado a critérios éticos. Por sua vez, a ética ecológica deve superar a moral utilitarista e individualista e ser guiada pelo princípio da destinação universal dos bens da criação e pelos valores indispensáveis da promoção da justiça e solidariedade.

Ao propor linhas pastorais sobre a postura dos cristãos católicos diante das demandas ecológicas, o Documento destaca que os cristãos não estão isentos das responsabilidades em relação aos modelos de desenvolvimentos que provocam desastres ambientais e sociais. Por isso, cabe-lhes a tarefa de reeducar as crianças e jovens para compreender o valor da vida e a interdependência dos diversos ecossistemas. À Igreja, por sua vez, compete a missão de explicitar a dimensão do mistério da Encarnação “pela qual Cristo assumiu tudo o que foi criado” e “cultivar uma espiritualidade que recupere o sentido de Deus, sempre presente na natureza” (SD, n. 169).

Em linhas gerais, o Documento de Santo Domingos apresenta a preocupação católica para com as demandas ambientais de setores da sociedade latino-americana e internacional e, propõe um intento de diálogo e cooperação entre a Igreja Católica e a sociedade.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Aparecida³³, seguindo os passos da Conferência de Santo Domingo, também contribuiu para as discussões sobre a pauta ambiental. No item dedicado as questões ecológicas, os bispos ousaram a afrontar diretamente os problemas ambientais a partir da noção de ‘ecologia humana’. Partindo da teologia da criação, o documento pontua que a “melhor forma de respeitar a natureza é promover uma ecologia humana aberta à transcendência” (DAp, n. 126 e 472). Como pode ser

33. A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, foi realizada no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, Brasil, no período de 13 a 31 de maio de 2007. O tema escolhido pelo Papa Bento XVI foi de caráter cristológico: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida — ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida’ (Jo 14,6)”.

observado, o foco da abordagem não é a natureza em si³⁴, mas esta em relação ao homem. Naturalmente a abordagem é antropocêntrica, com abertura para pensar a realidade como um todo.

Com o título ‘Biodiversidade, ecologia, Amazônia e Antártida’, a parte do documento dedicada explicitamente a ‘ecologia’ começa por denunciar as agressões provocadas à natureza. Aponta o uso mercantil da água e da terra (DAp, n. 83), das florestas e da biodiversidade³⁵ (DAp, n. 473), a destruição da Amazônia³⁶ e os interesses por de traz de sua internacionalização. Aborda também a questão da exploração da riqueza natural da América Latina e do Caribe que, realizada de forma irracional, coloca em risco a vida de milhões de pessoas e de modo particular o hábitat dos camponeses e indígenas. Trata ainda o processo de industrialização selvagem, que causa problemas nas cidades, no campo e contamina o ambiente com dejetos orgânicos e químicos. No que tange as questões climáticas, menciona o retrocesso das geleiras em todo o mundo e o aquecimento global (DAp, n. 87). Empenhada na preservação da natureza, como uma realidade que tem uma destinação universal³⁷, a Igreja manifesta seu apoio as pautas ambientais e congratula aos que se debruçam na defesa de tais demandas (DAp, n. 427).

34. A esse respeito, João Paulo II na Mensagem para o dia mundial do Turismo de 2001, comenta: “se por acaso se promovesse a defesa do ambiente como fim em si mesma, correr-se-ia o risco de ver nascer modernas formas de colonialismo, que prejudicariam os tradicionais direitos das comunidades residentes num determinado território. Veríamos dificultados a sobrevivência e o desenvolvimento das culturas locais e seriam subtraídos recursos económicos à autoridade dos governos locais, primeiros responsáveis dos ecossistemas e das ricas biodiversidades presentes nos respectivos territórios” (JOÃO PAULO II, 2001, n. 4).

35. O documento denuncia a exploração da biodiversidade latino-americana que vilipendiada pela indústria farmacêutica e biogenética, mediante o patenteamento desta biodiversidade, gera vulnerabilidade às comunidades e compromete o seu sustento (DAp, n. 83).

36. Ao que se refere a problemática da Amazônia, o Documento recorda o apelo de Bento XVI no estádio do Pacaembu. Na ocasião, o Papa pediu aos jovens um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação em prol da defesa da preservação ambiental na Amazônia e em favor da dignidade humana de seus povos. De acordo com Aparecida, a Amazônia passa por um processo de degradação acentuado. Esta realidade, pode servir de pretexto para que grupos econômicos, que advogam a favor da internacionalização, possam se aproveitar para instrumentalizá-la ao seu bel prazer. Dada a importância da Amazônia, Aparecida propõe “criar nas Américas, uma consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade” (DAp, n. 476). Para tanto, estimula a apoiar financeiramente as Igrejas locais que pertencem a bacia amazônica e a estabelecer uma pastoral de conjunto com o objetivo de criar um “modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum” (DAp, n. 476).

37. “O ambiente é a casa de todos e que, portanto, os bens naturais são destinados a quantos atualmente aí se encontram, bem como às gerações futuras” (JOÃO PAULO II, 2001).

No que tange a relação entre ‘fé católica e proteção ambiental’, a Conferência de Aparecida segue os passos das demais Conferências Latino-americanas. Contudo, parece que manifesta com maior clareza a vinculação entre fé católica e proteção ambiental. Segundo Aparecida, ao ‘discípulo missionário’ Deus confiou a criação. Por isso, é seu dever cuidar, contemplar e utilizar os recursos naturais tendo como parâmetro a ordem estabelecida pelo Criador (DAp, n. 125).

A partir de Aparecida, seguindo os desdobramentos teológicos oriundos do Concílio Vaticano II, vê-se que a Igreja latino-americana e caribenha se esforça por inculcar nos católicos que o cuidado da criação faz parte da dimensão do ser católico. Isto é, não é um adereço estranho a vida católica, é uma dimensão constitutiva dos fiéis discípulos de Cristo. É uma obrigação vinculante e que se reveste de uma responsabilidade transgeracional, pois “o Senhor entregou o mundo para todos, para os das gerações presentes e futuras” (DAp, n. 126).

4. Francisco e a Ecologia Ambiental: a consolidação de um percurso magisterial³⁸

Após abordar o pronunciamento dos Papas pós-conciliares e as contribuições das Conferências do Episcopado Latino-americano, pontuamos o posicionamento de Francisco a respeito da Ecologia ambiental. Inicialmente, é preciso assinalar que sua voz soa como uma síntese dos posicionamentos que lhe antecederam. Contudo, o seu percurso reflexivo se desenvolve de maneira a aprofundar a questão e a consolidar o tema da ecologia ambiental como central na perspectiva católica.

O percurso de conscientização ecológica de Francisco, foi por ele apresentado no livro *Terra futura: dialoghi con Papa Francesco sull'ecologia integrale*³⁹. Na entrevista de 30 de maio de 2018, revela a Carlos Petrini (2020) que tinha dificuldades em compreender a importância da problemática e sua relação com

38. A partir da publicação da Encíclica Laudato Si, o fluxo de pronunciamentos, discursos ou alusões à problemática ambiental ocupou boa parte da agenda de Francisco. Em virtude da alta demanda de conteúdo, no presente texto optamos por mencionar somente os pontos de concentração que consideramos centrais para compreender as contribuições de seu pontificado.

39. PETRINI, Carlo. *Terrafutura: dialoghi con Papa Francesco sull'ecologia integrale*. Firenze: Slow Food Editore, 2020.

o catolicismo. Assinala que, como responsável⁴⁰ pela redação final do texto da V Assembleia Episcopal latino-americana em Aparecida, foi confrontado com a questão e sentiu-se incomodado com as propostas e as discussões ecológicas trazidas pelos bispos brasileiros.

A cada passo, eles traziam o assunto à tona, gastando uma torrente de palavras sobre as implicações ambientais e sociais das questões em jogo. Lembro-me bem de me sentir incomodado com essa atitude e até comentar: ‘Esses brasileiros nos enlouquecem com seus discursos!’ Na época não entendia por que nossa assembleia de bispos deveria abordar o tema da Amazônia. Para mim a saúde do pulmão verde do mundo não era uma preocupação, ou pelo menos não entendia o que tinha a ver com o meu papel de Bispo! No entanto, com o passar das horas, a equipe de redação do documento final continuou recebendo solicitações nessa frente, também de colombianos e equatorianos. Eu insistia em deixar de lado, em dizer a mim mesmo que não entendia essa ânsia e insistência” (FRANCISCO, In. PETRINI, 2020, p. 24, tradução do autor).

Na sequência da entrevista, frisa que com o passar do tempo mudou completamente sua percepção sobre a relação entre cristianismo e problemas ambientais: “muito tempo se passou desde 2007 (...). À época eu não compreendia, e sete anos depois escrevi a Encíclica” (FRANCISCO, In. PETRINI, 2020, p. 24, *tradução do autor*). É evidente que entre o posicionamento do Cardeal Bergoglio e a postura do Papa Franscisco, houve uma mudança substancial. Sem dúvida alguma, podemos falar de uma ‘conversão ecológica’ daquele que se tornou o bispo de Roma: passou de uma atitude de burla a de profundo respeito pela temática.

Na mesma entrevista de 30 de maio de 2018, ao relatar suas dificuldades em perceber a importância do tema da ecologia para a Igreja, o Papa afirma à Petrini (2020) que algo semelhante acontece com os católicos que rejeitam a *Laudato*

40. Em 2007, o Cardeal Jorge Mario Bergoglio presidiu a comissão de redação do documento final da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada na cidade de Aparecida-Brasil.

Sí⁴¹. Segundo Francisco, os fiéis nutrem a mesma desconfiança que ele mesmo tinha enquanto Cardeal. Não obstante, insiste na necessidade de mudar o olhar. Aponta que é preciso uma “conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo (...), todas as consequências do encontro com Jesus” (LS, n. 217). Por isso, convoca os cristãos a uma atitude de mudança: “viver a vocação de guardiões da obra de Deus” (LS, n. 217). Tal chamado “não é algo (...) opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa” (LS, n. 217).

Na continuidade do diálogo com Petrini (2020), Francisco menciona que é preciso aguardar um tempo para que os católicos tomem consciência, amadureçam, no processo de perceber a importância da relação ‘cristianismo e ecologia’. Destaca, que se os cristãos desejam um futuro precisam fazer o esforço de mudar de paradigmas no que tange a suas concepções acerca da ecologia ambiental. Em outras palavras, Francisco aponta que é preciso uma ‘paciência provocativa’ frente aos católicos ‘ecoinconscientes’. Isto é, ao mesmo tempo que é necessário ter paciência é preciso provocar e despertar para mudanças de concepção.

Na Encíclica *Laudato Si*, fruto maduro do Magistério sobre a Ecologia Integral, um dos principais pontos é a introdução da ideia de ‘pecado ecológico’. Esta perspectiva, incorporada oficialmente ao Magistério Pontifício por meio do ensinamento de Francisco, consiste na adesão aos ensinamentos do Patriarca

41. A reflexão mais contundente sobre a relação entre ecologia ambiental e cristianismo católico, foi elaborada pelo Papa Francisco na Encíclica Laudato Si. Publicada em 24 de maio de 2015, trata-se de um documento, com caráter vinculante, que aborda a relação entre o homem e o planeta. Na sua estrutura, esboça a posição católica a respeito do cuidado da criação e o papel do católico nesse processo. Sua redação recolhe a experiência das diversas igrejas particulares ao redor do mundo e ancorada nas pesquisas científicas mais recentes, trata a questão ecológica recolhendo elementos do cristianismo ocidental, do cristianismo ortodoxo, das tradições espirituais orientais e etc. “A Encíclica Laudato Si não é totalmente original, se baseia na tradição. Retoma ideias de Thomas Berry, Leonardo Boff, Felix Guattari, Teilhard de Chardin, Michael Zimmerman, Sean Esbjorn-Hargens e outros” (MORA; CASTRILLÓN-LÓPEZ, 2019, p. 137). Sobre as influências filosóficas e teológicas na Laudato Si, ver: MORA, Carlos Arboleda. CASTRILLÓN-LOPES, Luis Alberto. Influencias filosóficas y teológicas en Laudato Si. Disponível em: <<https://repository.upb.edu.co/bitstream/handle/20.500.11912/10160/TEOLOGIA%CC%81A%20RELACIONAL%20cap5.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26 fev. 2025.

Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I⁴². Citando o Patriarca, Francisco afirma: “todos na medida em que causamos pequenos danos ecológicos, somos chamados a reconhecer a nossa contribuição pequena ou grande, para a desfiguração e destruição do ambiente” (FRANCISCO, 2015, n. 8). Aprofundando o argumento continua: “porque um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus” (BARTOLOMEU. *Discurso em Santa Bárbara, Califórnia [8 de novembro de 1997]* in.: FRANCISCO, 2015, n. 8). Interessa notar que a afirmação contundente sobre o ato pecaminoso é consolidada mediante a citação da proposição magisterial feita pelo Patriarca de Constantinopla. Essa atitude de Francisco, além de reconhecer o ‘pecado ecológico’ como uma realidade que toca o cerne do catolicismo contemporâneo, pode ser interpretado como um ato de dimensões ecumênicas. Assim o entendemos, pois Francisco cita o Patriarca como a voz que esclarece a ação pecaminosa e a faz sua. Além disso, uma vez que acolheu a noção de pecado ecológico, este se tornou uma posição comum que abarca tanto a Igreja Católica como a Igreja Ortodoxa ligada ao Patriarcado Ecumônico de Constantinopla.

Ainda no contexto de reflexão sobre catolicismo, ecologia e mundo, é digno de nota o esforço empreendido por Francisco no Sínodo da Amazônia em outubro de 2019. Ao reunir clérigos, leigos, peritos das mais diversas áreas no Vaticano, Francisco abordou de forma ampla e irrestrita os problemas ambientais próprios da Amazônia. Na síntese final das discussões promovidas durante o Sínodo e condensadas na Exortação Apostólica Querida Amazônia (2020), Francisco, se posicionou de forma contundente a favor da preservação ambiental e da proteção dos mais frágeis. Ademais, dentre os temas abordados, se debruçou sobre a preservação do ambiente e sua importância para a sobrevivência dos povos da Amazônia. Em síntese, as provocações do Papa, e a farta reflexão apontou para a necessidade de encontrar soluções duradouras

42. Dimítrios Archontónis, filho de Hristo Archontonis e Meropi Archontonis nasceu em 29 de fevereiro de 1940 na ilha de Imbros, Turquia. Em 19 de outubro de 1969 foi ordenado sacerdote e em 25 de dezembro de 1973 recebeu a ordenação episcopal. Com a morte do Patriarca Dimitrios em 2 de outubro de 1991, Bartolomeu foi eleito como novo Patriarca em 20 de outubro de 1991 e passou a receber a alcunha de Sua Santidade, Bartolomeu I, Arcebispo de Constantinopla Nova Roma e Patriarca Ecumênico. Ver: ECCLESIA. Sua Santidade Bartolomeu, Arcebispo de Constantinopla - Nova Roma, Patriarca Ecumênico. Disponível em: <<http://ecclesia.com.br/patriarcado-ecumenico/patriarca.html>>. Acesso em: 26 fev. 2025.

para os problemas surgidos da destruição dos sistemas naturais e seu impacto na vida das populações amazonenses.

Nos anos seguintes, diversas foram os pronunciamentos do Papa, bem como os eventos desenvolvidos pela Santa Sé que abordaram os problemas ambientais. Contudo, foi a Exortação Apostólica *Laudate Deum* que aprofundou a posição católica sobre o problema ecológico. Publicada em 04 de outubro de 2023, teve como tema central a ‘Crise Climática’ e seu impacto imediato. No universo das relações entre catolicismo e ecologia, o referido documento apresenta-se como um chamado agônico a reflexão ambiental. Mais provocativa que a Encíclica *Laudato Si*, a Exortação Apostólica configura-se como uma atualização, um complemento ao referido documento. Em seus posicionamentos o Papa cobra das autoridades mundiais um posicionamento efetivo e factível frente a crise climática e aponta a urgência da mudança de postura da humanidade frente aos comportamentos devastadores. Enfatizando a conexão entre o cuidado do meio ambiente e a dignidade humana, chama a atenção para os impactos graves das mudanças climáticas. Dentre eles, assinala os fenômenos meteorológicos extremos que põem em risco a sobrevivência de várias comunidades e aprofunda a desigualdade entre os mais e os menos favorecidos do mundo.

No percurso de sua crítica ao modelo contemporâneo de sociedade, Francisco recupera a noção de paradigma tecnocrático exposto na *Laudato Si*. Para o Papa, esse consiste em uma visão equivocada que concebe a verdade e o bem como um desabrochar espontaneamente do poder da tecnologia e da economia. Para Francisco, esse modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, contradiz a realidade e cria a ilusão de um crescimento infinito, ilimitado. Para fazer frente a tal perspectiva, propõe a superação da lógica do poder pela ética do cuidado baseada na solidariedade e na limitação do desejo de poder ilimitado (LD, n. 26–28). Ademais conclama os líderes mundiais a empreenderem uma política internacional eticamente responsável, promotora de uma verdadeira governança internacional orientada pelo bem comum e não pela pressão de interesses econômicos. Assinala também a necessidade do surgimento de um novo multilateralismo que supere os egoísmos nacionais e corporativos (LD, n. 35–38). Contra a aridez do tecnicismo, propõe uma espiritualidade ecológica que

cultive a gratidão, a contemplação da Criação, a sobriedade e a alegria simples que robustecem a experiência de fé.

Considerações finais

A aproximação da Igreja Católica em relação as pautas ambientais se deram de forma lenta e gradativa. A partir do Concílio Vaticano II, fundamentada em uma compreensão mais ampla de sua relação com as realidades temporais, a Igreja passou a considerar o problema ecológico como parte integrante de sua reflexão e ação. De forma concreta, foi assumindo gradativamente a responsabilidade de refletir teológica, ética e pastoralmente o problema do ‘Cuidado da Criação’. Esse percurso revela uma maturação sistemática que, ao longo dos últimos cinquenta anos, alcançou densidade doutrinal e projeção global, culminando na proposição de uma verdadeira doutrina social sobre a ecologia ambiental.

Os pronunciamentos dos Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI explicitam a maturação do Magistério Ordinário no qual a questão ecológica foi abordada como uma preocupação genuína e que objetiva cuidar da criação para cuidar do homem em sua totalidade. Neste sentido, a perspectiva tradicional — que via a criação como uma realidade subordinada ao ser humano como o seu cuidador — foi sendo gradualmente ressignificada. Em outras palavras, passou-se a olhar a criação não a partir da perspectiva do homem como seu cuidador, mas a partir do valor que ela traz em si mesma. Por isso, emergiu a noção de ‘cuidado do criado’ como uma realidade que abarca toda a esfera da criação: desde a mais ínfima criatura até o homem como seu ápice. Nesta perspectiva a criação é entendida como fruto das mãos generosas de Deus, que tem valor em si e que por isso é o *locus* que Deus fez para a vida do ser humano. Cabe ressaltar que, nesta perspectiva, o homem está inserido em um plano no qual sua relação se dá de forma harmônica e respeitosa com todas as dimensões do criado. Aprofundada por Francisco na *Laudato Si*, esta ideia postula que “cada organismo é bom e admirável em si mesmo pelo fato de ser uma criatura de Deus” (LS, 140). Ademais, aponta que “cada criatura reflete algo de Deus e tem uma mensagem para nos transmitir”, pois, “Cristo assumiu em Si mesmo este

mundo material e agora, ressuscitado, habita no íntimo de cada ser, envolvendo-o com o seu carinho e penetrando-o com a sua luz” (LS, 221).

Tal abordagem, propõe o homem como guardião da criação e refuta a ideia de ‘senhor’ que a subordina. Essa concepção não apenas rompe com o dualismo entre natureza e pessoa humana, como também convoca a uma compreensão relacional e sistêmica do mundo, inserindo o cuidado ambiental no centro da vivência cristã. O cuidado com a Criação torna-se assim, na Doutrina Social, um imperativo de fé e um critério de autenticidade da vida cristã.

Neste percurso de aproximação da Igreja às pautas ambientais, cabe ressaltar também o papel das Conferências do Episcopado Latino-Americano. Nota-se que a América Latina, marcada por desigualdades históricas e intensa exploração ambiental, constituiu um espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma consciência ecológica com forte viés social e pastoral. As Conferências de Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), cada uma a seu modo, denunciaram as estruturas que geram degradação ecológica e apontaram caminhos concretos de conversão e compromisso eclesial. Ademais, foram geradoras de uma espiritualidade latino-americana que se enraíza em uma visão encarnada da fé, que busca integrar evangelização, justiça social e preservação ambiental.

Quanto as contribuições de Francisco, frisamos que a Encíclica *Laudato Si* (2015) e a Exortação Apostólica *Laudate Deum* (2023), sedimentaram o percurso eclesial que lhes antecedeu e abriu uma nova etapa para o Magistério eclesial, na qual a problemática ambiental saiu da periferia para o centro da reflexão católica. Ao introduzir a noção de ‘pecado ecológico’ e ao assumir uma postura crítica frente ao paradigma tecnocrático dominante, o Papa Francisco atualiza e radicaliza um dos aspectos da missão da Igreja na contemporaneidade: ser uma voz profética em meio a uma civilização que ameaça autodestruir-se. Assim, o cuidado com a casa comum, longe de ser uma pauta ideológica ou moda passageira, revela-se como uma exigência evangélica e uma expressão concreta da caridade cristã, voltada à toda a humanidade.

Diante disso, torna-se evidente que a ecologia ambiental, à luz da fé católica, não é uma realidade marginal ou periférica, mas constitutiva da missão

evangelizadora da Igreja no século XXI. Promover uma cultura do cuidado, educar para a responsabilidade ecológica e transformar estilos de vida são tarefas fundamentais não apenas à hierarquia eclesial, mas a todo o Povo de Deus. A conversão ecológica, como insiste Francisco, é uma conversão espiritual, cultural e comunitária, que exige novos paradigmas de relação com o mundo, com os outros e com Deus. Neste sentido, a ecologia não é apenas ambiental, mas profundamente cristológica, pois tudo foi criado por Cristo, por meio dele e para ele (Cl 1,16).

Referências

- BELLOCQ, A. Qué es y qué no es la Doctrina Social de la Iglesia: una propuesta. *Scripta Theologica*, v. 44, n. 2, p. 337-366, 1 ago. 2012.
- BENTO XVI (2006). Mensagem do Papa Bento XVI ao director-geral da FAO por ocasião do dia Mundial Da Alimentação 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/food/documents/hf_ben-xvi_mes_20061016_world-food-day-2006.html. Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2007). Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 12 mar. 2025.
- BENTO XVI (2007). XL Dia Mundial da Paz 2007, A pessoa humana, coração da paz. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace.html. Acesso em: 05 mar. 2025
- BENTO XVI (2007a). Discurso do papa Bento XVI ao Corpo Diplomático acreditado junto à santa sé para a apresentação dos bons votos de ano novo (8 de Janeiro de 2007). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20070108_diplomatic-corps.html. Acesso em: 06 mar. 2025.
- BENTO XVI (2008). Discurso ao clero da diocese de Bolzano-Bressanone (6 de Agosto de 2008). L'Osservatore Romano (ed. portuguesa de 16/VIII/2008), 5. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20080806_clero-bressanone.html. Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2008). Discurso do Papa BENTO XVI à cúria romana por ocasião dos votos de feliz natal (22 de Dezembro de 2008). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20081222_curia-romana.html. Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2008). Mensagem do Papa Bento XVI para o dia da Santa Sé na Exposição De Saragoça (Espanha) celebrado a 14 de julho de 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2008/documents/hf_ben-xvi_let_20080714_exposition-saragoza.html.

- [xvi_let_20080710_expo-zaragoza.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20080710_xvi-let_20080710_expo-zaragoza.html). Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2008). XLI Dia Mundial da Paz 2008, Família humana, comunidade de paz. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20071208_xli-world-day-peace.html. Acesso em: 05 mar. 2025
- BENTO XVI (2009) mensagem do Papa Bento XVI ao director-geral da FAO Jacques Diouf por ocasião do dia Mundial Da Alimentação 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/food/documents/hf_ben-xvi_mes_20091016_world-food-day-2009.html. Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2009). Caritas in veritate (29 de junho de 2009). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 05 mar. 2025
- BENTO XVI (2009). Caritas in veritate (29 de junho de 2009). Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2009). XLII Dia Mundial da Paz 2009, Combater a pobreza, construir a paz. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20081208_xlii-world-day-peace.html. Acesso em: 05 mar. 2025
- BENTO XVI (2010) mensagem do Papa Bento XVI ao director-geral da FAO Jacques Diouf por ocasião do dia Mundial Da Alimentação 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/food/documents/hf_ben-xvi_mes_20101015_world-food-day-2010.html. Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2010). XLIII Dia Mundial da Paz 2010: se quiseres cultivar a paz, preserva a criação. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20091208_xliii-world-day-peace.html. Acesso em: 05 mar. 2025.
- BENTO XVI (2011). Discurso ao Bundestag, Berlim (22 de Setembro de 2011. L'Osservatore Romano (ed. portuguesa de 24/IX/2011), 5. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstag-berlin.html. Acesso em: 06 mar. 2025.
- BERRY, Thomas. *The Dream of the Earth*. California: Sierra Club Books, 1990.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BOFF, Leonardo. *O Cuidado Necessário*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CELAM. III Conferencia del Episcopado Latinoamericano. Puebla: México, 1979.
- CHUVIECO, Emilio. O que a ecologia deve ao Papa Bento XVI. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-01/bento-xvi-papa-verde-protecao-da-criacao-pensamento-ecologico.html>. Acesso em: 05 mar. 2025.

DOCUMENTOS DO CELAM. Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingos. São Paulo: Paulus, 2005.

ECCLESIA. Sua Santidade Bartolomeu, Arcebispo de Constantinopla - Nova Roma, Patriarca Ecumênico. Disponível em: <http://ecclesia.com.br/patriarcado-ecumenico/patriarca.html>. Acesso em: 26 fev. 2025.

PETRINI, Carlo. Terrafutura: dialogui con Papa Francesco sull'ecologia integrale. Firenze: Slow Food Editore, 2020.

FRANCISCO. Carta Encíclica Laudato Sí. São Paulo: Paulus, 2015.

GAUDIUM ET SPES. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2011.

GRUPO DE TRABAJO INTERDICASTERIAL DE LA SANTA SEDE SOBRE LA ECOLOGÍA INTEGRAL. En camino integral para el cuidado de la Casa Común A cinco años de la Laudato si'. Ciudad del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana , 2020. Disponível em: [https://www.humandevelopment.va/content/dam/sviluppoumano/documenti/2020-09-laudatosi5years-cammino-per-la-cura-della-casacomune/-es-VOL-SDS%20ECOLOGIA%20INTEGRALE%20LINGUA%20SPAGNOLO%20\(ottimizzato\).pdf](https://www.humandevelopment.va/content/dam/sviluppoumano/documenti/2020-09-laudatosi5years-cammino-per-la-cura-della-casacomune/-es-VOL-SDS%20ECOLOGIA%20INTEGRALE%20LINGUA%20SPAGNOLO%20(ottimizzato).pdf). Acesso em: 14 jun. 2025.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Teología de la liberación: perspectivas. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones (CEP), 1971.

JOÃO PAULO II (1985). XVIII Dia Mundial da Paz, 1985: A paz e os jovens caminham juntos. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19841208_xviii-world-day-for-peace.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (1991). Carta Encíclica Centesimus Annus (1 de Maio do ano de 1991). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html. Acesso em: 05 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (1993). Mensagem de sua Santidade Papa João Paulo II para a Quaresma de 1996 (8 de Setembro de 1995) Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/lent/documents/hf_jp-ii_mes_19950908_lent-1996.html. Acesso em: 05 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (1994). Carta Apostólica Tertio Millennio Adveniat. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (1995). Carta Encíclica Evangelium Vitae (**25 de março de 1995**). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html. Acesso em: 05 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (1995). Mensagem de sua Santidade Papa João Paulo II para a Quaresma de 1996 (8 de Setembro de 1995) Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/lent/documents/hf_jp-ii_mes_19950908_lent-1996.html. Acesso

em: 05 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (1997). *Discurso aos participantes num Congresso sobre “Ambiente e Saúde”* (24 de março de 1997). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/march/documents/hf_jp-ii_spe_19970324_ambiente-salute.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (2000). XXXIII Dia Mundial da Paz, 2000, “Paz na terra aos homens, que Deus ama!”. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_08121999_xxiii-world-day-for-peace.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (2001). Mensagem por ocasião do Dia Mundial do Turismo (27 de setembro de 2001). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_20010619_giornata-mondiale-turismo.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

JOÃO PAULO II (2002). Mensagem do Santo Padre para o dia mundial do turismo 2002 (27 de setembro). Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_20020625_xxiii-giornata-mondiale-turismo.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

JUAN PABLO II (1979). Bula Inter Sanctos. Proclamación de San Francisco de Asís como patrono de la Ecología. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1979/documents/hf_jp-ii_apl_19791129_inter-sanctos.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

JUAN PABLO II (1992). Mensaje Del Santo Padre Juan Pablo II a los Indígenas del Continente Americano. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/pont_messages/1992/documents/hf_jp-ii_mes_19921012_indigeni-america.html. Acesso em: 04 de mar. 2025.

MCFAGUE, Sallie. Models of God: Theology for an Ecological, Nuclear Age. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

MOLTMANN, Jürgen. Deus na Criação. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORA, Carlos Arboleda. CASTRILLÓN-LOPES, Luis Alberto. Influencias filosóficas y teológicas en Laudato Sí. Disponível em: <https://repository.upb.edu.co/bitstream/handle/20.500.11912/10160/TEOLOGIA%CC%81A%20RELACIONAL%20cap5.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 fev. 2025.

MORCIANO, Maria Milvia. Bento XVI, o Papa Verde: proteger a criação requer uma nova visão cultural. Disponível em: <https://omnesmag.com/pt/efoque/ecology-pope-benedict-xvi/>. Acesso em: 05 mar. 2025.

MOVIMENTO CATÓLICO GLOBAL PELO CLIMA PELA CRIAÇÃO: pelos mais pobres, pelas futuras gerações. Disponível em: https://www.cnlb.org.br/?wpfb_dl=20. Acesso em: 26 fev. 2025.

ORTHODOX WIKI. Demetrius I of Constantinople. Disponível em: https://orthodoxwiki.org/Demetrius_I_of_Constantinople.

[org/Demetrius_I_\(Papadopoulos\)_of_Constantinople](http://org/Demetrius_I_(Papadopoulos)_of_Constantinople) . Acesso em: 27 fev. 2025.

PAULO VI. Visita do Santo Padre à sede da F.A.O. por ocasião do XXV aniversário da instituição: discurso do Papa Paulo VI à assembleia geral. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1970/documents/hf_p-vi_spe_19701116_xxv-institutione-fao.html . Acesso em: 21 mai. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio de Doutrina Social da Igreja. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html# . Acesso em: 04 de mar. 2025.

STONE, DANIEL. Benedict XVI, the Green Pope. Disponível em: <<https://www.newsweek.com/benedict-xvi-green-pope-86391>> . Acesso em: 12 mar. 2025.

WHITE, Lynn. *The Historical Roots of Our Ecological Crisis* Disponível em: <https://www.cmu.ca/faculty/gmatties/lynnwhiterootsofcrisis.pdf> . Acesso em: 11 abr. 2024.